

## AS CONTRIBUIÇÕES DE HARRY BENJAMIN PARA O ESTUDO DAS TRANSIDENTIDADES

Iara Luzia Henriques Pessoa<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho foi investigar e identificar como surgiu o termo transexual, quem foi o autor que primeiro descreveu o termo e quais as contribuições desta "nova" nomenclatura para o modo como as transidentidades são tratadas pela medicina nos tempos atuais. Este estudo foi delineado como qualitativo, descritivo e exploratório, que debruçou-se principalmente na publicação, em 1966, *The Transsexual Phenomenon* de Harry Benjamin. O processo de seleção dos autores para análise do corpus foi intencional, não exaustivo, permeado pela análise do discurso foucaultiana e outros autores da Teoria Queer. Os resultados apontam que o autor classificou e conceituou as manifestações do sexo, quais sejam: cromossômica, genética, anatômica, legal, gonadal, germinal, endócrina (hormonal), psicológica e social. Por outro lado, uma reflexão do próprio autor acerca de como o termo sexo era utilizado acha-se evidenciada, assim com o uso do termo gênero, que muitas vezes era utilizado por ele de forma intercambiável. Benjamin também fez uma diferenciação do que ele chamou de *transvestites* e *transsexuals*, assim como referiu-se a essa questão como sendo alguém que nasceu com o corpo errado, algo que ainda se fala hoje, mesmo não se tratando exatamente dessa questão. Ele viveu em um momento em que o ser trans começou a uma temática do âmbito da Medicina, logo, tratou a questão de forma mais médica, apesar de em alguns momentos ainda utilizar da Psicologia. Pode-se concluir que as contribuições de Harry Benjamin para o estudo das transidentidades são inegáveis, haja vista que sua abordagem vanguardista à temática impulsionou modos de “diagnóstico” e “tratamento” vigentes ainda hoje.

52

**Palavras-chave:** Transgenerismo. Transexuais. Identidade de Gênero. Saúde e Gênero.

**Área Temática:** Psicologia.

**ABSTRACT:** The aim of this paper was to investigate and identify how the term transsexual emerged, who was the author who first described the term and what are the contributions of this "new" name to the way how transidentities are treated nowadays by the Medicine. This study was meant as qualitative, descriptive and exploratory, that is mainly correspondent to the publication, in 1966, *The Transsexual Phenomenon* by Harry Benjamin. The process of selecting authors for the analysis was intentional, not exhaustive, permeated by Foucauldian discourse analysis and other authors of Queer Theory. The results indicate that the author classified and conceptualized the manifestations of sex, namely: chromosomal, genetic, anatomical, legal, gonadal, germinal, endocrine (hormonal), psychological and social. On the other hand, a reflection by the author himself on how the term sex was used is evident, as well as a reflection on the use of the term gender, which was often used by him interchangeably. Benjamin also differentiated between what he called transvestites and transsexuals, as well as referring to the latter as someone who was born with the wrong body, something that is still referred to as the issue today, even though it's not exactly about this. He lived at a time when being trans became a topic within the scope of Medicine, so he treated the issue in a more medical way, despite at times still using Psychology. It can be concluded that Harry Benjamin's contributions to the study of transidentities are undeniable, given that his avant-garde approach to the subject promoted modes of “diagnosis” and “treatment” still current to this day.

**Keywords:** Transgender Persons. Transexuals. Gender Identity. Health Services for Transgender Persons.

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia, Recife, Pernambuco.

## INTRODUÇÃO

Harry Benjamin era um médico endocrinologista alemão que imigrou para os Estados Unidos em 1913, instalando uma clínica particular na cidade de Nova Iorque e foi um dos pioneiros no que chamamos hoje de medicina trans (SCHILT, 2016). Apesar do seu treinamento médico formal não envolver a sexualidade diretamente, esse interesse já existia e foi reforçado por sua amizade com Hirschfeld (SCHILT, 2016). Benjamin conheceu Magnus Hirschfeld<sup>2</sup> em 1906/1907 quando ainda era um estudante universitário; e passou a maioria dos seus verões acompanhando Hirschfeld, depois da Primeira Guerra, em sua pesquisa nas famosas noites de *gender bending*<sup>3</sup> de Berlim (BAKKER *et al*, 2020).

Ele não só buscou aprender sobre a variância de gênero com as próprias pessoas trans, como organizou uma pesquisa que culminou na construção de um enorme arquivo com fotos e descrição de diversos pacientes dele, de colegas que se dispuseram a participar e de histórias orais (BAKKER *et al*, 2020). O primeiro paciente trans foi indicado por Alfred Kinsey<sup>4</sup>, em 1948, para Benjamin, que tinha 63 anos na época e uma carreira consolidada como sexologista, especificamente endocrinologista e gerontologista (EKINS; KING, 2006). Mas, ainda de acordo com Ekins e King (2006), Benjamin estava muito bem equipado para lidar com as questões trans, e de certo modo foi alguém que iniciou a especialidade médica.

Fundou a Harry Benjamin *International Gender Dysphoria Association* em 1978, que hoje é a *World Professional Association for Transgender Health* (WPATH) com o objetivo de entender melhor as identidades de gênero e padronizar o tratamento de transexuais, transgêneros e pessoas com o gênero não conforme (*gender-nonconforming people*) (ALLÉE, 2023). Com isso criou o SOC (*Standards of Care for the Health of Transsexual, Transgender, and Gender Nonconforming People*) que é utilizado até hoje, e tem esse nome atual devido à preocupação de ativistas da instituição ser demasiadamente patologizadora e restritiva, isto é, um esforço para que o foco passasse a ser a saúde de forma não restrita de pessoas trans em geral (ALLÉE, 2023).

Por outro lado, Letícia Lanz (2017) define o gênero como: “o conjunto de expectativas sociais de desempenho de uma pessoa, estabelecidas em função do seu sexo biológico” (p. 39).

---

<sup>2</sup> Ele criou a primeira organização, o Comitê Científico Humanitário, objetivando direitos e agindo de forma ativista para o que chamamos hoje de direitos LGBTQIAP+, e contra o Parágrafo 175 que tornava a homossexualidade ilegal na Alemanha

<sup>3</sup> Termo utilizado para tratar de transgressões de gênero que inclui a mistura daquilo considerado como feminino e masculino,

<sup>4</sup> Ele fundou uma das primeiras instituições de sexologia que ainda está em funcionamento no século XXI chamada: *Kinsey Institute for Research in Sex, Gender, and Reproduction at the University of Indiana*

Logo, há diversos papéis, funções, oportunidades, atributos, atitudes econômicas, políticas e culturais que serão impostas a cada sujeito em função da condição biológica deste (LANZ, 2017). Para Jaqueline Gomes de Jesus não-cisgênero é alguém que não se identifica com o gênero que foi determinado quando nasceu. Neste sentido, não há um consenso ainda de como seria o coletivo de todas essas pessoas (não-cisgêneras), mas de forma geral, há quem se identifique como transgênero, transexual, trans ou as transidentidades, que é como tratamos de forma geral neste trabalho.

Ainda, segundo Jesus (2012) transgênero é um conceito que abrange um grupo diversificado de pessoas que, em algum grau, não se identificam com papéis e/ou comportamentos esperados do gênero que lhes foram determinados a partir do seu ultrassom/nascimento. Desde esta não identificação, as transidentidades tratam de uma forma de existir sociopolítica-cultural de alguém que vai de encontro aos padrões hegemônicos da cisgeneridade e de alguma forma não cedendo, então, às normas do dispositivo binário

No que se refere ao livro intitulado *The Transsexual Phenomenon* (BENJAMIN, 1999) cabe ressaltar a grande controvérsia trazida pelo mesmo, a saber se o termo transexual foi criado e/ou popularizado nesta publicação. Uma vez que o autor supracitado reivindicou o termo através do livro em questão (BAKKER *et al*, 2020). Cabe ressaltar, que, ele foi o responsável pela introdução do termo enquanto diagnóstico nos Estados Unidos, tornando-se a base para o tratamento do que seria chamado de transexualismo (*transsexualism*).

O presente trabalho tem por objetivo investigar a obra *The Transsexual Phenomenon* (1999), publicada pela primeira vez em 1966, com vistas a identificar como surgiu o termo transexual, quem foi o autor que primeiro descreveu o termo e quais as contribuições desta "nova" nomenclatura para o modo como as transidentidades são tratadas pela medicina nos tempos atuais.

## METODOLOGIA

O estudo foi delineado como qualitativo, descritivo e exploratório, cujo *corpus* compreendeu a publicação *The Transsexual Phenomenon* (1999) de Harry Benjamin. Do exposto, para análise e discussão do mesmo, destaca-se que o processo de seleção dos autores foi intencional, não exaustivo, permeado pela análise do discurso foucaultiana e outros autores da Teoria Queer como Richard Ekins e Dave King (2006), Berenice Bento (2006), Jaqueline Gomes de Jesus (2012), Letícia Lanz (2017).

Cabe ressaltar que o presente estudo é fruto de uma das etapas de pesquisa para a Dissertação da autora acerca das Transmasculinidades e o processo histórico que levou a tratar tais formas de existir como um diagnóstico. Desta maneira, as perguntas que nortearam o presente estudo foram: Como surgiu o termo transexual? Quem foi o autor que o “criou”? Como essa contribuição ocasionou o modo como as transidentidades são tratadas pela medicina?

Sabe-se que para operar como ferramenta de controle, é necessário que o discurso tenha o mínimo de realidade presumível. Assim, Foucault indica três formas históricas pelas quais a realidade do discurso pode ser escolhida em nome de outra, a saber: discurso e significação, discurso e verdade, discurso e passado (FOUCAULT, 1996). O corpo, a sexualidade e a patologia como são entendidos hoje são uma construção histórica, o caráter construído e nada inato, ou biológico, dessa expressão acaba por reforçar regimes de saber-poder (BENTO, 2006). Assim, temos também o movimento de individualização na modernidade, o qual trata essas questões de gênero como algo do sujeito, e seria o próprio sujeito que deve buscar a “resolução” para seu “problema” (BENTO, 2006).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Logo no início do livro em questão, o autor cita o caso de Christine Jorgensen (BENJAMIN, 1999). Caracterizando-a como corajosa, determinada e com imensa força, qual seja, sem ela o transexualismo (*transsexualism*), termo utilizado pelo autor, não seria conhecido, pelo menos não por esse nome. Ainda credita a Christine pela existência de seu livro, outros pacientes pioneiros, e os médicos dinamarqueses que desataram o sexo do gênero e consideraram o desejo de seus pacientes, e não o possível criticismo de seus colegas. Benjamin (1999) critica o conservadorismo como uma rigidez, força negativa, prevenindo o progresso da ciência e do paciente. Ressalte-se que para a significação não está do lado do sujeito, mas do mundo. Portanto as coisas murmuram de antemão um sentido que nossa linguagem há que fazer manifestar (FOUCAULT, 1996).

Christine foi uma das primeiras pessoas a passar por tais cirurgias, e seus médicos não podiam divulgar que faziam tais procedimentos, pois poderiam ser acusados de lesionar ou danificar tecidos saudáveis de forma proposital (BAKKER *et al*, 2020). A história de Christine se espalhou, em 1952, como também foi difundida uma nova forma terapêutica de lidar com as transidentidades. Muitas pessoas se identificaram não só com sua situação, mas com sua

convicção e coragem (BENJAMIN, 1999). Os médicos dinamarqueses de Christine também escreveram um artigo que foi publicado pela *Journal of the American Medical Association* (no ano 1955) tratando de sua trajetória médica que foi bastante criticado, pois a maioria dos médicos só aceitava que tais pessoas fossem “tratadas” por meio de psicoterapia ou psicanálise (BENJAMIN, 1999).

Ao tratar desta temática, ele a nomeia como “mudar seu sexo” (“*change their sex*”), que apesar de ser um termo problemático hoje, ele o colocou desde então entre aspas. Pode-se inferir que de alguma forma ele estava entendendo que não se tratava realmente de uma mudança de sexo, mas por falta de termo melhor (mais adequado/apropriado), foi o que utilizou. Uma quebra de tabu foi o que Benjamin (1999) disse e fez juntamente com seus colegas e pacientes, justificando que na natureza existem intersexuais, sejam de corpo e, também, da mente. No início do seu livro, tal e qual é realizada uma reflexão acerca da palavra sexo. Vaga, o quanto se trata de uma palavra vacante em seu conteúdo para a língua inglesa. Justifica tal pensamento tratando que o sexo parece ser definido, pois há macho e fêmea (*male or female*), mas ainda assim é indefinido justamente por mais que se estude a sua natureza e implicações mais o sexo perde o seu sentido científico exato.

Usando-se até do exemplo de como estruturas anatômicas eram vistas como sagradas para alguns, mas estão cada vez mais perto de ser desbancadas, isso em 1965, pois o que emerge e permanece é o sentido social e legal do sexo. Outro questionamento que faz é se sexo é realmente um sinônimo para gênero, e argumenta que sexo deveria ser usado para questões da sexualidade, libido e atividade sexual, logo o gênero seria o lado “não sexual” do sexo. Contudo, diz que utiliza os termos de forma intercambiável para não se apegar a “pequenos detalhes”.

Para Benjamin (1999) não há mais uma dicotomia absoluta entre os conceitos de macho e fêmea (*male or female*), e a determinação por meio dos órgãos sexuais do sexo de uma pessoa tem sido abalada, pelo menos no meio científico. Ele classifica e conceitua de forma separada as seguintes manifestações do sexo: cromossômica, genética, anatômica, legal, gonadal, germinal, endócrina (hormonal), psicológica e social. O primeiro estaria para o sexo genético que é colocado por Benjamin (1999) como sendo os fundamentais e que determinam o sexo e o gênero, estando majoritariamente em relação ao condicionamento social. O sexo anatômico relaciona-se com os caracteres sexuais primários e secundários, podendo dividir-se em sexo genital e gonadal. O sexo genital também se transpõe para o sexo legal e que é empregado nas práticas diárias dos sujeitos. O sexo germinal tem propósitos de procriação, isto é, testículos

produzem esperma e onde há esperma há masculinidade (*maleness*) e o ovário normal (*normal ovary*) produz óvulos, e onde são encontrados há feminilidade (*femaleness*).

Chama-se atenção para como Benjamin supõe uma simetria, o sexo psicológico é determinado pelo sexo social que segue o sexo determinado ao nascer, que é baseado no sexo da infância e no sexo anatômico e legal, e trata isto como uma harmonia que aconteceria normalmente no mundo. Ele também supõe no que ele chama de características masculinas (agressividade, segurança etc.) e femininas (timidez, aceitação, emotividade etc.) mesmo que ele tente separar as características de fêmea (*female-ness*) como diferente de feminilidade (*femininity*) e de machos (*male-ness*) como diferentes de masculinidade (*masculinity*) ele ainda as associa a qualidades herdadas e como produtos do sexo endócrino, isto é, da testosterona e estrogênio. Justifica-se dizendo tratar de características físicas e que elas seriam produtos do sexo endócrino, mas as características psicológicas poderiam ser adquiridas. O termo que usa é sexo psicológico para tratar destas características e que pode estar em oposição (remete constantemente ao linear) aos outros sexos.

Benjamin (1999) ainda propõe que os transexuais (*transsexuals*) sentem como se as suas almas estivessem “presas” no corpo errado (“*feel that their minds and their souls are ‘trapped’ in the wrong bodies*” p. 08) e inter-relaciona-os com os problemas que homossexuais sofreriam. O autor diferencia os transexuais (*transsexuals*) que querem pertencer ao “sexo oposto” dos *transvestites* que gostam de fazer *crossdress*. Benjamin (1999) diz que a maioria dos autores se refere ao travestismo como um desvio sexual ou perversão, mas que não se trata necessariamente de nenhum dos dois. Pois, pode se tratar de um desconforto de gênero que provê um alívio emocional e satisfação, mas sem estímulo sexual consciente, pois este último normalmente só ocorre mais tarde na vida.

No caso do transexual macho ou fêmea (*male or female*) se trata de alguém profundamente infeliz como membro do sexo, ou gênero (aqui o autor prioriza o sexo na ordem da sua escrita, mas também não deixa de citar o gênero, mesmo que posteriormente e entre parêntesis), em que ele ou ela foi designado ao nascer pela estrutura anatômica do seu corpo, especificamente os genitais. Ele continua colocando que o transexual é fisicamente normal, e que podem atenuar sua infelicidade vestindo-se de roupas do “sexo oposto”. Mas não o satisfaz completamente, porque apesar de serem *transvestites* também, o transexual verdadeiro sente pertencer ao outro sexo (*feel that they belong to the other sex*), e não apenas parecer ser, logo, seus órgãos genitais são como deformidades nojentas (*disgusting deformities*) que precisam ser

mudadas (*must be changed*) por um cirurgião.

Além disto ainda coloca a transexualidade e o *transvestite* como síndromes com um conjunto de sintomas e que a atitude (*attitude*) é o principal modo de fazer o diagnóstico diferencial (*differential diagnostic*). Também cria uma classificação tanto dos *transvestites* em três tipos aqueles que simplesmente querem se vestir, sair e ser aceitos como de tal, mas vão de encontro às leis da sociedade, e a maioria vive vidas heterossexuais, tem família e filhos. O segundo grupo é um estado mais “severo” de “transtorno emocional” (*more severe stage of an emotional disturbance*), uma vez que sentem a necessidade de mais do que somente se vestir de acordo com o seu “sexo psicológico” (*psychological sex*). Assim, precisam de algumas mudanças físicas, podendo ser cirúrgicas, mas faz mais parte de devaneios diurnos (*daydreams*) e fantasias mais do que de uma vontade realidade. O terceiro tipo ele chama de “transexual completamente desenvolvido”, pois demonstra um grau de confusão sexual e de gênero muito maior, assim como em relação à perturbação mental. Este último vê seus órgãos sexuais com nojo, assim como as características do gênero que foi designado ao nascer. Portanto o transvestite se trata desta forma “mais amena” (*mildest*) e o transexual a mais severa (*most severe*), ainda expressa que tal categorização parece ser a mais prática e que se encaixa melhor nos fatos (*seems to be practical and to fit the facts*).

58

E como em seu livro ele faz uma tentativa de definir, diagnosticar e classificar (BENJAMIN, 1999), isto é, uma tendência da medicina moderna. Para isto ele cita diversas referências no tema. Essa forma de funcionamento da medicina é historicamente localizada, e trata de um exercício do saber-poder para manter a ordem dominante (FOUCAULT, 1996).

Benjamin (1999) diz ter começado a usar o termo transexualismo (*transsexualism*) em 1953, e que apesar de ser aplicado para ambos os sexos (*both sexes*), mas o “transexual feminino” (*female transsexual*) é bem mais raro. Ressalto que o autor se refere ao gênero do paciente antes de transicionar, referindo-se ao que coloca como sexo ou ao que é chamado como biológico. Logo, um transexual feminino está para homem trans ou algo da transmasculinidade em geral, e no caso do transexual masculino (*male transsexual*) é hoje uma mulher trans ou está para a transfeminilidade.

Quando trata da sexualidade dos pacientes trans, se o transexual sente ser uma mulher e é atraída por homens, então este paciente, “ele” (pronome que o autor usa), pode “diagnosticar-se” (*diagnosing himself*) como heterossexual, que Benjamin (1999) ratifica ser normal. E que nós podemos diagnosticá-la de acordo com o seu sexo ou o estado do seu corpo



como homossexual, mas se tratamos o paciente com senso comum e como um indivíduo e não como um “carimbo” (*rubber stamp*), então não temos mais “um homem homossexual”. Ressalto que o autor que utiliza dos pronomes masculinos ao se referir a mulheres trans, e como anteriormente ressaltado nós reproduzimos o discurso dos autores em algumas partes do trabalho, mas não estamos de acordo com esse posicionamento hoje.

No capítulo que o autor dedica ao que chamamos hoje de transmasculinidade coloca ser injusto (*unfair*) que ele só dedique um capítulo a tal temática, pois o sofrimento destas pessoas é tão sério como o de pessoas transfemininas. Porém, ele precisou considerar a frequência em que ocorre tal questão, sendo, de acordo com ele, consideravelmente menor. Especula que pode ser por alguma razão biológica ou falta de alguém como Christine Jorgensen na mídia e que é circunstancial colocar que muitos não seriam aceitos para tratamento por “perderem a vontade” (*passing mood*). Porém trata estas razões como possibilidades e que pode ser que posteriormente venha a se ter esta razão com o avanço da ciência. Contudo, coloca que a convicção de tais pessoas de que “deveriam ser homem” (*was meant to be a man*) é tão forte como a de mulheres trans. Neste momento ele coloca como naquela época os seios já incomodavam e eram restringidos com fita adesiva, o autor coloca isso como sendo algo comum para todos que constituem tal grupo, assim como o que ele chama como trauma psicológico que a menstruação constitui.

59

No caso da menstruação coloca que a supressão por meio de terapia androgênica promove grande alívio emocional, sugerindo uma posologia utilizada por ele como sugestão para outros médicos seguirem e estabelece a *Squibb's Delatestryl* (ainda existe atualmente) como a droga a ser utilizada para o tratamento hormonal. E assinala que o médico não deve se recusar de primeira a fazer o tratamento hormonal ou alguma intervenção cirúrgica, pois isto pode fazer mais mal do que bem (*he may do more harm than good*). Se o<sup>5</sup> médico insistir somente no tratamento psicoterápico o paciente não confiará mais nele, e nem se abrirá com relação a suas questões, mas normalmente a avaliação psiquiátrica é aceita (BENJAMIN, 1999). Ademais, o objetivo do médico deve ser a terapia androgênica para a supressão do período menstrual e que ele permaneça assim com a menor dose possível.

Este uso do termo “paciente” constantemente, pelo presente autor, por ser um termo neutro no inglês não fica claro se ele fala dos pacientes no feminino ou masculino. Porém, ao

---

<sup>5</sup> o autor trata dos médicos sempre com pronomes masculinos, mesmo havendo a opção do plural em inglês que é neutro (*They*)



tratar de um caso em específico Benjamin (1999) coloca o pronome entre aspas “*he* is the mother” (p. 86), mas não fica claro se ele o faz por ser “contraditório” utilizar o pronome masculino a se referir a uma mãe ou só não utiliza por se tratar de uma “mulher”. Provavelmente se trata do último, uma vez que em outro caso trata do paciente com pronomes femininos e quando coloca que o paciente criou sua criança como pai ele coloca a palavra entre aspas, mesmo que em um único momento utilize o pronome masculino entre parêntesis e acompanhado de uma interrogação. Mas, mais para frente ao tratar dos resultados das terapias ele usa adjetivos no masculino (*handsome, man, husband, father*) e apesar de tratar no feminino seus pacientes antes do que chamamos hoje de transição nesta seção do seu livro utiliza os pronomes masculinos sem aspas.

As outras características que ele cita como pertencendo a esse grupo é de terem interesses, atitudes e fantasias masculinas, normalmente nos empregos também. Ademais, frequentemente demonstram habilidade na profissão por conseguirem tomar vantagem do que ele chama de traços femininos e masculinos, pela sua constituição e desenvolvimento psicológico (*constitutional makeup and in their psychological development*). Na questão sexual eles podem ser amantes ardentes (*ardente lovers*), almejam um pênis, mas entendem que realisticamente esse tipo de operação plástica para criar um órgão é complicada, difícil, altamente incerta e cara. Mas uma prótese, isto é, um pênis artificial de plástico tem sido utilizado, mesmo que difícil de ser encontrado nos Estados Unidos (só podia ser adquirido através de prescrição médica naquele momento), e mais fácil na Europa e Oriente.

As especulações feitas acerca dos transexuais podem ser aplicadas igualmente para, de acordo com o autor, ambos os tipos. Quando trata do que seriam as possíveis “causas” diz que *imprinting* (tradução) e condicionamento infantil tem alguma relação com o fenômeno transexual (*transsexual phenomenon*). Ainda especula que deve haver uma “origem” orgânica, inata (*inborn*), mas não necessariamente hereditária ou predisposição. Porém, Benjamin (1999) trata da necessidade de mais pesquisas acerca do tema não em psicologia ou endocrinologia, mas sim principalmente em genética e neurofisiologia. Porém, nosso entendimento da transexualidade remete a um dispositivo que foi criado historicamente que serviu como uma higienização e “adequação” daqueles que não estariam “de acordo” com seu gênero (BENTO, 2006). Pois, o termo transexual está relacionado à necessidade de diagnósticos hospitalares para que possam ser feitas as cirurgias de readequação sexual e uma tentativa (consciente ou não) de estar “condizente” com seu gênero (BENTO, 2006).

E definitivamente o condicionamento pode ser provado em dois dos onze casos analisados para a construção deste livro, segundo Benjamin (1999). Assim, mesmo que o condicionamento pode explicar parcialmente a “origem” da transmasculinidade, a predisposição constitucional não pode ser negada, segundo ele. Para o autor, é mais fácil imaginar que tal condicionamento ocorra da criança em direção aos pais, uma vez que já no começo da infância os pais conseguiam perceber algo de diferente, mesmo que não soubessem o quê. Na sequência ele diz que acredita que a “mudança” (ele escreve entre aspas) ocorra de forma mais gradual, assim como para pessoas de menor o tratamento deve ser feito com o consentimento dos guardiões.

Sabe-se que o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história (FOUCAULT, 1996). Ainda que as transidentidades estejam consideradas como despatologizadas por entidades de classe, como Conselho Federal de Medicina e, também o de Psicologia, elas continuam na Classificação Internacional de Doenças 11<sup>a</sup> ed. na seção sobre questões relacionadas à saúde sexual. E não foi lançada uma nova edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, sendo na 5<sup>a</sup> ed. ainda estando presente enquanto um transtorno.

Os critérios “diagnósticos” utilizados até hoje foram, em grande parte, criados por Benjamin (1999), permanecendo como estruturantes para o modelo de saúde hegemônico, ainda que a forma pensada para 1960, na atualidade representa uma estagnação na forma de como tratar as transmasculinidades. Ainda que alguns focos de preocupação tenham sido abandonados, como a busca por uma causa para alguém ser trans, por exemplo, que deixou de ser uma necessidade científica, o protocolo ainda utilizado emana o discurso de um outro tempo histórico, infelizmente necessário ao parecer de um profissional da saúde para que se inicie qualquer intervenção corporal (seja cirúrgica ou hormonal).

## CONCLUSÃO

As contribuições de Harry Benjamin para o estudo das transidentidades são inegáveis, haja vista que sua abordagem vanguardista à temática impulsionou modos de “diagnóstico” e “tratamento” vigentes ainda hoje. Para além de provir o termo transsexual, a principal contribuição do autor foi dar a devida importância para as cirurgias transgenitalizadoras, que entendemos hoje como sendo de grande importância para algumas pessoas trans, e que eram consideradas como mutilação. Foi demonstrado que apesar da dita despatologização, a

Medicina e as Ciências da Saúde, ainda tratam das transidentidades como sendo algo que ainda necessita de um diagnóstico, e mais, como sendo algo que precisa de um tratamento ou “adequação”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLÉE, Kegan M. World Professional Association for Transgender Health. **Encyclopedia Britannica**, 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/World-Professional-Association-for-Transgender-Health>> Acesso em 12 de fevereiro de 2024.

BAKKER, Alex *et al.* **Others of my kind: transatlantic transgender histories**. Calgary: University of Calgary Press, 2020.

BENJAMIN, Harry. **The Transsexual Phenomenon**. Düsseldorf: Symposium Publishing, 1999.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

EKINS, Richard; KING, Dave. **The transgender phenomenon**. Londres: SAGE publications, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2ª ed., 2012.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**. São Paulo: Lagange Editora, 2017.

SCHILT, Kristen. Harry Benjamin. **Encyclopedia Britannica**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Harry-Benjami>> Acesso em: 13 de julho de 2023.